

CULTURA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Elisabete Stradiotto Siqueira¹

Abordar o tema - Cultura na sociedade contemporânea - é duplamente desafiador tanto pela complexidade do conceito de cultura como também pelo que vivemos na sociedade contemporânea em termos de desafios éticos e estéticos.

A definição de cultura tem desafiado as várias áreas do conhecimento, por exemplo, a filosofia, sociologia, antropologia e até mesmo a economia. O movimento da cultura exerce influência em como as forças sociais se organizam ou desintegram, como evidenciam-se na superfície ou mantêm-se imersas aglutinando forças para emergir.

Existem muitas possibilidades de abordagem do significado de cultura. Velho² (1978), citando Kroeber e Kluckhohn, relembra que em 1952 os autores classificaram e comentaram 164 definições diferentes de “cultura”: descritivas, normativas, psicológicas, estruturais e históricas.

Velho evidencia que, em muitos momentos, o conceito sofreu nuances que remetiam a visões de mundo eurocêntricas quando cultura foi colocada no plano espiritual, caracterizada pela alteridade entre povos e o termo civilização determinava as fronteiras políticas e geográficas que ofereciam ao mundo o modelo de sociedade, nesse contexto, cultura era algo menor.

Tal concepção, segundo o autor, foi questionada quando a dimensão empírica da cultura (costumes, rituais) deu lugar à perspectiva simbólica, como a forma que determinado grupo social interpreta a realidade, e nesse sentido afirma que cultura é um sistema simbólico que tem suas fronteiras definidas pela capacidade ou não de um dado símbolo ser decodificado identicamente por dois grupos. O autor, ainda comentando sobre a

¹ Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora do Programa de Pós-graduação em Direito e do Curso de Graduação em Administração da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

² VELHO, Gilberto; CASTRO, EV de. O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas: uma perspectiva antropológica. **Revista Artefato, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 25-33, 1978.**

dimensão da produção simbólica da cultura, afirma que esta pode variar de acordo com a ênfase que cada sociedade e cada momento histórico atribuem à divisão social do trabalho, relações familiares e estrutura institucional. Ainda que tal abordagem possa oferecer menores riscos de uma certa hierarquização das culturas, ao estabelecer nexos entre a dimensão material e a simbólica, não se pode descartar que isso ocorra.

Como uma outra possibilidade de conceituar cultura, Ferreira³ (1995), apoiada nos postulados de Yuri Lotman, propõe a relação entre cultura e informação. Segundo Ferreira, a constituição da cultura ocorre na batalha pelo monopólio da informação, ou seja, o processo pelo qual a informação se transmite e conserva-se no imaginário social que, em última instância, constitui a memória. Portanto, não se trata do acúmulo de informação, mas, essencialmente, sua seleção que ocorre por mecanismos que Lotman define como compatíveis e vantajosos, dando origem a um sistema de signos. Tal batalha, na definição sobre o que será registrado na cultura como memória, é a resistência ao esquecimento que pode se constituir em uma luta social pela existência, não existe passividade diante de um sistema político ou pela comunicação de massas.

É nesse percurso que se estabelece o nexo com a sociedade contemporânea. Entre as várias possibilidades de olhar para o nosso tempo, talvez a mais evidente seja a configuração de redes⁴ (2013). Castells aborda as redes de indignação e esperança e chama a atenção para a batalha que tem sido protagonizada principalmente pelos movimentos sociais em várias sociedades nessa disputa. Esse campo de embates remete ao argumento de Ferreira sobre resistir ao esquecimento, pela afirmação da existência.

A rede pode ser possibilidade de conexão entre nós dispersos e ao mesmo tempo de aprisionamento, com ela pode-se construir pontes ou cercas, tem o potencial de nos unir e diferenciar, pode oferecer espaços poucos sólidos, contudo inovadores como os entre-lugares propostos por Bhabha⁵ (2001), que são as fronteiras de diferentes realidades em que se constroem novas identidades que carregam os signos de contestação e colaboração.

³ FERREIRA, Jerusa Pires. Cultura é memória. **Revista USP**, n. 24, p. 114-120, 1995.

⁴ CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p.

⁵ BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.

A capacidade da sociedade de produzir e de disponibilizar informação está no cerne dessa rede, a forma como a selecionamos, interpretamos e a utilizamos como grupo social está construindo o presente e desenhando o futuro. Se a cultura é a informação que se inscreve na memória, são nos parâmetros éticos e estéticos escolhidos pelas diferentes culturas, de forma individual e coletiva, que traçarão os contornos do que é e será no futuro próximo a sociedade contemporânea.

A questão que se coloca versa sobre o que nos impede de uma ação que opte por escolhas orientadas pela alteridade, pela inclusão e diversidade. Baudelaire retratou esse dilema, em 1869, quando escreveu “Os olhos dos pobres”. Sentado em um café com sua amada, o poeta enfrenta o olhar de uma família que os fitava de fora vislumbrando toda a riqueza e abundância que jamais tinham experimentado, aquele olhar o enterneceu e o culpabilizou ao mesmo tempo e ele foi buscar nos olhos da amada um refúgio para seu sentimento de dor quando ela pediu: “Essa gente é insuportável com esses olhos abertos como passagens para carroças! Você não poderia pedir ao maître para tirá-los daqui?” O poeta então percebe como as pessoas, inclusive as que amamos, podem ser impermeáveis àquilo que vivenciam e então declara: “Como é difícil nos entendermos, querido anjo, e como o pensamento é incomunicável mesmo entre pessoas que se amam!”.

Portanto, a cultura na sociedade contemporânea está sendo tecida em uma rede na qual todos participamos. Estamos sempre em algum lugar nesta cena, com os olhos conformados, questionadores, inquietos ou em busca de olhares de uma cultura mais solidária.

